



DOI: <http://dx.doi.org/10.22484/2177-5788.2017v43n2p295-307>

A Literatura e a Formação em Comunicação no contexto da Cultura Digital

Mei Hua Soares

Resumo: Parte de pesquisa sobre Literatura e Formação em Comunicação, o presente artigo, por intermédio de revisão de estudos e obras sobre o assunto, pretende tecer considerações a respeito da presença da leitura literária – e de sua suposta relevância – na formação de comunicadores e abordar atritos e consonâncias com uma formação voltada à profissionalização no contexto da Cultura Digital.

Palavras-chave: Formação. Comunicação. Literatura. Cultura digital.

Literature and Communication Training in the context of Digital Culture

Abstract: Part of research on Literature and Communication Training, this article, through a review of studies and works on the subject, intends to make considerations about the presence of literary reading - and its supposed relevance - in the formation of communicators and To address friction and consonance with a training aimed at professionalization in the context of Digital Culture.

Keywords: Training. Communication. Literature. Digital culture.

[...] e o nobre e paciente Ulisses se regozijou grandemente pelo sinal enviado pelo filho de Crono, de tortuosos desígnios. Tomou uma flecha que estava sobre a mesa, ao lado, fora do carcás; dentro deste ficaram as outras, que em breve os Aqueus iriam provar; colocou-a na curvatura do arco, puxou a si a corda e os entalhes e dali, donde estava sentado, disparou a flecha, de ponta de bronze, a qual, sem se desviar, atravessou o orifício de todos os machados, indo sair na extremidade oposta.

(Odisseia, de Homero)

A leitura literária importa na formação de comunicadores?

Assim como o industrioso Ulisses, protegido durante todo o seu retorno à Ítaca, terra natal, em sua demonstração de poder que renunciaria a morte de todos os seus inimigos que lhe devoravam o reino, cortejavam sua esposa Penélope e planejavam a morte do filho Telêmaco, geralmente ansiamos a precisão certa quando pensamos no que melhor pode consistir a formação de nossos discentes. Ao manejar com maestria o arco e a flecha, Ulisses acerta indefectivelmente os orifícios de doze machados dispostos em linha reta para surpresa de seus algozes. Esta precisão é provavelmente a que muitos docentes buscam ao reunir conteúdos programáticos, formular planos e aulas, projetos e avaliações. E é sempre um caminho um tanto incerto esse trilhado por seres tão comuns e passíveis de erros como nós professores, tão distantes da proteção de deuses do Olimpo e de trajetórias heroicas. Ainda assim, há algo de épico nessa busca pela melhor formação dentro das possíveis nas jornadas docentes.

Ainda traçando paralelos com a obra de Homero (2014), é conveniente lembrar que também nossas travessias são acompanhadas de desafios, ainda que da ordem das pequenas odisseias cotidianas. Há feitiços como os de Circe que podem nos aprisionar em ilhas de conteúdos que já se tornaram obsoletos, ou que não alcançam ecos juntos aos nossos interlocutores, gigantes ciclopes que devoram e minam as ideias mais ousadas ou subversivas, cantos de sereias que encantam, à primeira vista, enquanto possibilidades formativas interessantes, mas que posteriormente se revelam ilusórias e controversas.

Diante de contratempos e peripécias, nossas jornadas continuam sendo realizadas de modo semelhante ao que faziam nossos ancestrais ao passarem de geração em geração seus conhecimentos, ou outras práticas de fato inovadoras foram incorporadas na disseminação dos saberes?

Diferentes leituras acompanham e pavimentam nossos trajetos formativos ao longo da vida. Leituras iniciais, leituras escolares, leituras de entretenimento, leituras informativas, de prazer, de fruição, de pesquisa. Leituras solitárias, leituras coletivas. Leituras absortas e descompromissadas, leituras que envolvem concentração minuciosa. A leitura esteve e está presente no percurso estudantil, docente e de vida. Apesar da imprecisão de seu alcance enquanto elemento formativo nos processos de aprendizagem e constituição do sujeito, talvez

seja possível mensurá-la a partir de nossas próprias experiências de leitura. O amplo leque de possibilidades de leitura, de relações e desdobramentos¹ que se estabelecem a partir delas, fornecem pistas de seu valor. É perceptível, no entanto, o quanto ainda é complexa a sua introdução e incerta a manutenção de práticas de leitura, seja na escola básica, seja no ensino superior. No entanto, o que gostaríamos de esmiuçar no presente estudo é se a leitura de textos literários poderia consistir em ferramenta formativa estruturante para os formandos de cursos de Comunicação Social, ou seja, o que se visa investigar é de que maneira a literatura pode (se é que pode) consistir em elemento de formação e de referenciação entre comunicadores e comunicadoras.

Seria possível detectar se a literatura fornece subsídios efetivos para auxiliar nos rumos profissionais dos futuros comunicadores ou para pôr em xeque contradições inerentes ao mundo do trabalho? Partimos do princípio de que a literatura pode ser grande aliada na formação humana do sujeito. Mas e quanto à sua contribuição para a área profissional, isso se confirmaria? Que estruturas, conteúdos e formas presentes no texto literário proporcionariam parâmetros ou modelos para os textos jornalísticos, se é que proporcionariam? A literatura pode efetivamente consistir em instrumento de formação social, cultural, política? Se sim, em que medida?

Antonio Candido, em conhecido texto escrito a partir de explanação por ele proferida em 1972, *A literatura e a formação do homem*, enumera aporias a respeito da transformação da literatura em ferramenta de educação moral. Pelo seu caráter independente, afirma Candido (1972, p. 805), a literatura “para além do bem e do mal, educa porque faz viver” (CANDIDO, 1972, p. 805). Portanto, segundo Candido (1972), a literatura não estaria a serviço da educação. Entretanto, atenderia à necessidade de ficção e de fantasia que o mesmo autor defende ser latente em todo ser humano.

Já adotando um viés mais pragmático – sem querer reduzir a literatura à função estritamente tecnicista –, seria interessante buscar informações e subsídios que permitam entender se a literatura poderia, direta ou indiretamente, colaborar com a aquisição, por parte do educando, de possibilidades criativas e efeitos de linguagem alcançados também por

¹ Este artigo faz parte de pesquisa sobre Literatura e Comunicação – que envolveu entrevistas junto a docentes e profissionais da Comunicação – desenvolvida pela pesquisadora junto ao Centro Interdisciplinar de Pesquisas (CIP) da Faculdade Cásper Líbero.

intermédio da formação de leitura literária. Que efeitos poéticos podem ser tornados familiares (a ponto de serem incorporados em suas próprias produções escritas, imagéticas, sonoras etc.) a partir da leitura de literatura? Metáforas, gradações, metonímias, eufemismos, variações linguísticas e estilísticas de linguagem, diversidade lexical, traquejo no uso de tipologias textuais variadas (narração, descrição, argumentação, injunção) e no trânsito por diferentes gêneros discursivos são sintomáticos de quem lê e produz textos literários. Certamente existem exceções, mas, em geral, é comum que a leitura de bons textos (de textos significativos) resulte em parâmetro para a escrita e produção textual própria. Para tanto, seriam necessárias análises de produções textuais escritas pelos alunos, o que demandaria mais tempo de projeto e de pesquisa (possivelmente se ela puder se estender por mais um ano)². Nessa primeira fase da pesquisa, nos concentraremos em investigar os percursos de leitura.

Eco (2003), ao discorrer acerca das especificidades e encaminhamentos da literatura e ao mencionar o impacto das personagens de ficção, aponta também para o fato de que, apesar de não ser prioridade na vida dos sujeitos em geral, sem a literatura, o mundo seria bem menos humano³. Candido (2011) também defende a tese de que a literatura (lado a lado com as demais artes) deve ser considerada um bem incompressível⁴, ou seja, indispensável à vida, uma vez que, segundo ele, todos necessitamos de doses de fantasia e de ficção para sobreviver e para nos reconhecermos enquanto seres humanos. Além disso, Candido (2011) toca em questão fulcral ao alçar a literatura ao patamar dos bens inalienáveis, pois põe em evidência o fato de que considerar a literatura e as demais artes e manifestações culturais supérfluas às camadas

² Se a segunda fase da pesquisa for possível, ela consistirá em investigar as produções textuais de graduandos. A ideia é realizar uma análise qualitativa, selecionando-se trabalhos indicados por professores de Língua Portuguesa (ou de outras disciplinas dos cursos). Mediante a análise desse *corpus*, visaremos observar que elementos linguísticos, que pistas de literariedade ou de poeticidade (se elas existirem) podem ser encontradas nos textos produzidos ou nas criações elaboradas por alunos e alunas de Comunicação.

³ [...] nem eu seria idealista a ponto de pensar que às imensas multidões às quais faltam pão e remédios, a literatura poderia trazer alívio. Mas uma observação eu gostaria de fazer: aqueles desgraçados que, reunidos em bandos sem objetivos, matam jogando pedras dos viadutos ou ateando fogo a uma menina, sejam eles quem foram afinal, não se transformaram no que são pelo *newspeak* do computador [...], mas porque restam excluídos do universo do livro e dos lugares onde, através da educação e da discussão, poderiam chegar até eles os ecos de um mundo de valores que chega e remete a livros. (ECO, 2003, p. 12).

⁴ Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis. (CANDIDO, 2011, p. 175).

mais pobres, faz com que seja reafirmada a sua permanente exclusão⁵ da cultura letrada e dos campos simbólicos de poder.

Já Tzvetan Todorov, o historiador e ensaísta búlgaro, ressalta a literatura como fator de humanização. De acordo com o autor, a literatura opera transformações a partir de modificações sensíveis internas ao sujeito leitor. Além disso, assim como Eco, enfatiza o caráter didático que a literatura pode envolver⁶:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p. 76).

Nosso intuito não é (embora possa aparentar) defender a literatura como obrigatória nos cursos de Comunicação. Ela não chega sequer a constar na grade disciplinar do curso. Trata-se de entender, se a leitura efetiva de textos literários pode consistir em possível ferramenta pedagógica formativa ou contribuir para que as dimensões estética, estilística e poética (em diálogo com a dimensão política, social, cultural) sejam contempladas na formação do sujeito, no caso futuros(as) comunicadores(as). Dentre tantas outras possibilidades metodológicas e didáticas, a literatura, com suas exigências de recepção (esforço cognitivo diante do formato “antiquado” em comparação com a imagem ou com as sinestesias digitais; necessidade de concentração; inserção em tempo e ritmo diferenciados; adequação à linguagem poética e literária, ao vocabulário por vezes rebuscado, às inversões sintáticas etc.; ainda pode consistir em elemento de relevância formativa? É sobre essa questão (e seus desdobramentos) que gostaríamos de nos debruçar ao longo do projeto.

⁵ O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social, não o é para outra. (CANDIDO, 2011, p. 175).

⁶ A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana. Nesse sentido, podemos dizer que Dante ou Cervantes nos ensinam tanto sobre a condição humana quanto os maiores sociólogos e psicólogos e que não há incompatibilidade entre o primeiro saber e o segundo. (TODOROV, 2009, p. 77).

O contexto das culturas digitais é compatível com a leitura de Literatura?

Considerando-se o contexto contemporâneo fundamentado no avanço incessante de novas tecnologias, de conhecimentos e difusão de saberes em rede, de acesso a quantidades volumosas de informação ininterrupta, de hipercultura universal ou cultura-mundo, conforme Lipovetsky e Serroy (2011), a literatura ainda pode se revelar atraente enquanto prazer, fruição ou aquisição de conhecimentos? É sabido, conforme Rezende e Rouxel (2013) e Soares (2014), que o tempo da leitura literária é diferente do tempo da leitura de outros gêneros textuais mais pragmáticos. Ter acesso a esse “outro tempo”, segundo Barthes (1993), a esse outro ritmo e lugar provenientes da leitura de textos que provocam estranhamento, deslocamento de percepções, “*fading*” ou “*corte*”, poderia oferecer implicações no modo de recepção e de produção de profissionais e estudantes da área de Comunicação?

Lucia Santaella, em livro publicado há quinze anos, propunha a divisão da cultura em eras culturais, ou, como ela própria considerava uma melhor definição, em seis tipos de formações⁷: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas e a cultura digital, ou cibercultura, sendo que esta última

[...] não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais a que chamo ‘cultura das mídias’. Esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura digital ora em curso. (SANTAELLA, 2003, p. 13).

Nestor Canclini, em estudo publicado em 1990, parece também se reportar ao mesmo fenômeno identificado por Santaella como “cultura das mídias”, mas nomeando-o “culturas híbridas”, em virtude da mescla de linguagens e meios que passaram a produzir mensagens e produtos comunicacionais, informativos e culturais híbridos. As características da efemeridade

⁷ Outro aspecto a ser explicitado diz respeito ao fato de que, não obstante as divisões indicadas das seis eras culturais refiram-se, de fato, a eras, prefiro também chama-las de formações culturais para transmitir a ideia de que não se trata aí de períodos culturais lineares, como se uma era fosse desaparecendo com o surgimento da próxima. Ao contrário, há sempre um processo cumulativo de complexificação [...]: uma nova formação cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações. (SANTAELLA, 2003, p. 13).

e da velocidade também são destacadas pela autora enquanto determinantes na passagem, gradativa e não excludente⁸, de uma cultura a outra:

Ao mesmo tempo, novas sementes começaram a brotar no campo das mídias com o surgimento de equipamentos e dispositivos que possibilitaram o aparecimento de uma *cultura do disponível e do transitório*: fotocopiadoras, videocassetes e aparelhos para gravação de vídeos, equipamentos do tipo *walkman* e *walktalk*, acompanhados de uma remarcável indústria de *videoclips* e *videogames*, juntamente com a expansiva indústria de filmes em vídeo para serem alugados nas videolocadoras, tudo isso culminando no surgimento da TV a cabo. (SANTAELLA, 2003, p. 15, grifos nossos).

Curiosamente poderíamos aproximar a experiência de leitura individual de textos impressos que passou a conviver e, em alguns contextos, a se sobrepor às práticas de leitura orais e coletivas, da busca individualizada por informações e entretenimento impulsionadas pela cultura digital e tecnológica:

Essas tecnologias, equipamentos e as linguagens criadas para circular em neles têm como principal característica propiciar a escolha e o consumo individualizados, em oposição ao consumo massivo. São esses processos comunicativos que considero como constitutivos de uma cultura das mídias. Foram eles que nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e treinaram para a busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar. Por isso mesmo, foram esses meios e os processos de recepção que eles engendram que prepararam a sensibilidade dos usuários para a chegada dos meios digitais cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação. (SANTAELLA, 2003, p. 15-16).

Outro importante traço das culturas digitais, se comparadas às demais culturas que a antecederam, seria a convergência das mídias, diferentemente da convivência entre elas, ou seja, há na cultura tecnológica a exacerbação dos hibridismos, das diferentes mídias, suportes e narrativas em níveis de multiplicidade e rapidez hiperbólicos. Um exemplo disso é o uso recente do termo *transmídia* – convivendo com os conceitos de *hipermídia* e *multimídia* – que se refere

⁸ Todas as seis eras culturais [...], coexistem, convivem simultaneamente na nossa contemporaneidade. A cultura oral continua existindo, a escrita também, a impressa nem se fale. Continuamos a conviver em grupos de discussão presenciais, as formas antigas da escrita ainda alimentam o imaginário dos artistas e designers, continuamos a frequentar salas de concertos e a visitar museus, os circos ainda se instalam nos arredores das grandes e pequenas cidades, as camadas populares continuam a tomar conta das praças públicas. (SANTAELLA, 2003, p. 78).

às narrativas que se desdobram em diferentes mídias e suportes de maneira orgânica, amalgamada e complementar.

Na comunicação transmídia estaria presente a noção de complementaridade de narrativas veiculadas em diferentes suportes – TV, rádio, redes sociais, revistas etc. – com o intuito de impulsionar diferentes formas de contato da audiência por intermédio de formatos específicos para cada veículo que possibilitariam, em tese, uma experiência mais abrangente, ou a sensação dela, por parte dos ouvintes, espectadores, usuários das redes. Trata-se também de um modo de “cercar” o público-alvo por diferentes meios. O que se revela interessante para nossa pesquisa é o fato de uma proposição supostamente inovadora lidar com as antigas estruturas das narrativas fictícias e, conseqüentemente, com o uso de seus respectivos elementos. Personagens, conflitos, reviravoltas, ganchos e suspensões, verossimilhanças, encadeamento causal (começo, meio e fim) estão presentes em grande parte dessas propostas. Assim, mesmo que de modo sintético, como um tuíte contando algo sobre determinado assunto, as estruturas ficcionais literárias são mobilizadas em diferentes formatos e suportes midiáticos. O conhecimento detalhado e aprofundado de tais estruturas não possibilitaria, portanto, um uso melhor fundamentado por parte dos comunicadores? Esse conhecimento não poderia ser adquirido mediante a leitura de textos literários?

Par atenção-distração

Ainda partindo da premissa de que estamos inseridos no contexto da cultura digital, as leituras comumente evocadas nos ambiente digitais primam pela velocidade, síntese, fragmentação, especialmente se nos reportarmos aos textos disseminados nas redes sociais. A simultaneidade de informações – por vezes não fundamentadas – e a multiplicidade de estímulos visuais parecem contribuir para que a atenção do usuário se volte ao consumo desenfreado e irrefletido de imagens, sons, cores e palavras. Pensando especificamente no sujeito letrado e com acesso aos meios digitais, é possível que este leia mais agora que nas épocas anteriores. Mas quais seriam as características dessas leituras?

Jonathan Crary, professor de Arte Moderna e Teoria da Arte da Universidade de Columbia, em seu livro *Suspensões*⁹ da percepção – atenção, espetáculo e cultura moderna, traz um detalhado estudo a respeito, dentre outros aspectos, do primado da atenção e de sua relação direta com a conformação do sujeito. De acordo o autor, que mobiliza conceitos de Bergson, Dewey, Helmholtz para pensar a atenção, trata-se de pensar a atenção não como conceito isolado, mas como binômio ou, mais especificamente, par atenção-distração, pois, a partir de estudos realizados por Dewey e fundamentados a partir da observação do modelo de visão da câmara escura, no século XVIII, "a atenção como processo de seleção necessariamente significava que a percepção era uma atividade de exclusão, ao fazer com que partes de um campo perceptivo não fossem notadas" (CRARY, 2013, p. 48). A atenção, portanto, além de algo fugidío, consistiria também em dispositivo de recorte da realidade, seleção de elementos em detrimento de outros, o que envolveria distrações. Quem concentra sua atenção em algo, inevitavelmente se distrai, uma vez que privilegia algo e não todo o resto. E, em geral, essa concentração da atenção é fugaz, efêmera, ainda mais se consideramos o sujeito imerso na cultura digital, onde a captura da atenção é a tônica do suporte:

É natural que a atenção se distraia e passe de uma coisa a outra. Tão logo o interesse por um objeto se esgota, não há nada novo a ser percebido, e a atenção se transfere a outra coisa, mesmo contra nossa vontade. Quando desejamos fixá-la num objeto, devemos constantemente buscar encontrar algo novo nele, e isso é verdade sobretudo quando há impressões poderosas dos sentidos tentando arrastá-la e distraí-la. (HELMHOLTZ apud CRARY, 2013, p. 53).

Certamente os ambientes digitais e seus textos nativos (gêneros textuais e discursivos gerados e veiculados essencialmente nos meios digitais) trazem em seu bojo uma formação complexa, voltada à capacidade de acessar informações em brevíssimos intervalos de tempo. A formação proveniente dos ambientes digitais consiste em saber incontestemente. No entanto, a

⁹ Há uma explicação do autor sobre o termo que nomeia a obra que pode nos servir para pensar na suspensão enquanto elemento ambíguo: "O título deste livro serve como evocação e como descrição: são importantes para mim as diversas conotações da palavra suspensão. Em primeiro lugar, quero evocar o estado de estar suspenso, um olhar ou escutar tão enlevado que se esquia das condições habituais, que se torna uma temporalidade suspensa, um pairar acima do tempo. [...] Mas suspensão é também um cancelamento ou interrupção, e quero indicar aqui um elemento perturbador, inclusive um negativo da própria percepção. Isso porque ao longo de todo o livro preocupo-me com a ideia da percepção que pode ser tanto absorção quanto ausência ou adiamento". (CRARY, 2013, p. 32).

pergunta que se faz é: A formação voltada à leitura de textos mais longos, geralmente realizada em livros, papéis impressos ou, já em diálogo com as tecnologias, em e-books, proporcionaria alguma outra formação ainda hoje? Ela se apresentaria como contraponto à velocidade e fluxo quase ininterrupto de informações e estímulos próprios das leituras feitas em ambientes digitais? Ou seria complementar a elas? O que pretendemos aqui é refletir se a leitura de literatura poderia ser considerada um modo de preservar a lentidão, o devaneio, a pausa contemplativa que, por sua vez, pode advir de outros dispositivos, inclusive tecnológicos, mas que guardaria em seu cerne especificidades que podem ainda se revelar importantes à formação do sujeito, algo que Crary aponta como “modos criativos de transe, desatenção, devaneio e fixação”:

Arthur Koestler descreveu a 'diminuição das luzes da consciência' produzida pelas experiências repetitivas dentro de ambientes sensoriais homogêneos: 'As rotinas automatizadas são autorreguláveis no sentido de que sua estratégia é automaticamente guiada por realimentações vindas de seus ambientes, sem necessidade de referir as decisões a níveis superiores. Elas operam por circuitos fechados.' Mas o que antes pode ter sido chamado de devaneio hoje costuma acontecer de acordo com ritmos, imagens, velocidades e circuitos pré-fixados que reforçam a irrelevância e o abandono do que não é compatível com tais formatos. Para além do objeto do presente estudo, resta a pergunta: em que medida os modos criativos de transe, desatenção, devaneio e fixação podem florescer nos interstícios desses circuitos? É particularmente importante determinar quais possibilidades criativas podem ser geradas em meio às novas formas tecnológicas de tédio. (CRARY, 2013, p. 104).

A leitura de uma obra literária pressupõe boa dose de atenção, de concentração, de permissão para ser arrebatado pelo fluxo textual, de se deixar contaminar pela atmosfera criada pelo autor, de capacidade de incitar o imaginário para a formulação de cenários, paisagens, personagens. Mas esses movimentos podem ser interrompidos a qualquer instante – o que também é desejável – para eventuais momentos de divagação, geralmente ocorridos em virtude de alguma sinapse, uma fagulha, do encontro entre proposições existentes no texto e anseios, referências e/ou reminiscências pessoais do leitor. Esses momentos de estranhamento, de epifania, de imersão e emersão propiciados durante a leitura literária podem ser relevantes mesmo mediante cenários digitais, uma experiência ainda válida no contexto das informações, da velocidade, do clique.

Considerações finais

Se por um lado, enquanto docentes, educadores, professores, almejamos, em alguma medida, a flecha que atingirá o objetivo – a formação mais adequada – e, assim como Ulisses mirando a fenda dos doze machados a serem atravessados pela seta, alternamos práticas de ensino ora mais técnicas ora mais humanísticas ou flexíveis, nunca saberemos de fato onde a flecha chegará ou exatamente o que atingirá.

O conceito de *paideia* – a formação grega conterrânea do protagonista da Odisseia – mobiliza a variedade e a abrangência do que se esperava enquanto formação. Um bom orador, aquele que dominava a retórica e a arte do convencimento de seus pares na *ágora*, também deveria ser um exímio esgrimista, um atleta nato. O desenvolvimento humano envolve uma gama ampla de possibilidades. Considerando nosso propósito no presente artigo, a leitura literária é apenas uma delas. Historicamente, a Literatura ocupou um lugar relativamente importante nos bancos escolares e universitários. Quase sempre numa perspectiva elitista e excludente. Mas, a formação da qual somos fruto hoje, decorreu, em parte, dessa perspectiva formativa que envolvia a leitura de ficção, de textos poéticos. Durante muito tempo, as grades curriculares incluíam em seus conteúdos o trabalho com Literatura, com a dimensão literária que lida com a representação do humano no interior de duas obras.

Um típico cidadão urbano pode ter acesso a diferentes modos de vida por intermédio de sites, de conversas, de textos teóricos, de viagens. Mas e quando isso não é possível por motivos econômicos, por escassez de informações ou por se tratar de uma época histórica distinta? O acesso que se tem à alteridade por intermédio de uma obra literária, ainda que representativa de uma realidade (e estruturada a partir de elementos próprios da ficção) pode consistir em uma experiência aprofundada junto a realidades que talvez não tenhamos entrada de outras maneiras. Jean Paul Sartre, ao analisar e comentar a obra de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, discorre sobre a “singularização do universal”, ou seja, sobre a capacidade de uma autor orquestrar em sua obra aquilo que diz respeito a um determinado tempo, a um modo de vida, de pensamento, de humanidade, de organização social e cultural. E isso passa pelos personagens que são criados, pelas tramas tecidas, pelas aporias apresentadas. De um certo modo, Flaubert, ao elaborar *Madame Bovary*, fala dela, de si, de um agrupamento humano, de uma época, de ideologias.

O mergulho que uma obra literária exige pode, por sua vez, proporcionar saltos posteriores. Numa perspectiva humanística, o comunicador que consegue ter acesso a essa paleta ampliada de pensamentos, emoções, construções, encadeamentos, conflitos personificados e representativos de realidades sociais distintas provavelmente saberá lidar melhor com aquilo que provém de outros seres humanos, sejam discursos, reflexões, digressões, estratégias. Além disso, o tempo da leitura literária é semelhante ao tempo envolvido nos processos de formação que, por sua vez, poderia ser analisado sob a lupa benjaminiana da experiência: é preciso um relativo tédio, o tempo-ócio, enquanto dispositivo de resistência à velocidade e às múltiplas demandas contemporâneas para “chocar os ovos da experiência” (Benjamin, 1994).

Ainda assim, quem poderia afirmar categoricamente que uma técnica formativa é perfeita? E se assim o fosse, sempre o seria? Ulisses, se precisasse repetir seu feito, atravessaria mais uma vez os doze machados com uma única flecha? Diante da ausência de fórmulas, a busca – por tentativa e erro – parece ainda ser um caminho válido no frágil equilíbrio entre a formação estritamente profissional e a de cunho humanístico.

Referências

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, SP, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, São Paulo: Duas Cidades, 2011, p. 171-193.

CRARY, Jonathan. **Suspensões da percepção**: atenção, espetáculo e cultura moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidade. Cidade do México: Editorial Grijalbo, 1990.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.9-21.

HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

REZENDE, Neide L.; ROUXEL, Annie (Orgs.). **O sujeito leitor**: leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SOARES, Mei H. **Práticas de leitura no teatro de grupo**: aproximações com a escola. 2014. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Mei Hua Soares – Faculdade Cásper Libero (FCL) | São Paulo | SP | Brasil. E-mail: meihuasoares@gmail.com.

Recebido em: out. 2017.
Aprovado em: nov. 2017